

(RE) PENSAR A HISTÓRIA: AS MULHERES E A CONSTRUÇÃO DE UM SABER SOCIOLÓGICO

(RE)THINKING HISTORY: WOMEN AND THE CONSTRUCTION OF A SOCIOLOGICAL KNOWLE- DGE

Edival Saraiva de Oliveira Neto¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo mostrar a produção acadêmica de três grandes pensadoras, Harriet Martineau (1802-1876), Flora Tristan (1803-1804) e Marianne Weber (1870-1954), apagadas da história do desenvolvimento da sociologia enquanto campo científico e que tiveram contribuições consideráveis ao debaterem temas que ainda hoje são de interesses aos sociólogos e cientistas sociais, tais como a relação do

pesquisador e o objeto, a condição feminina, neutralidade do conhecimento, religião entre outros considerados fundamentais para o desenvolvimento do saber sociológico. Para atingir tal objetivo valeremos de bibliografias que nos ajude a pensar as questões colocadas por essas pensadas, e seus principais temas de pesquisa bem como autores que nos ajudem a pensar criticamente a formação do pensamento sociológico, mostrando que sua estruturação é muito mais ampla

¹ Mestrando em sociologia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE.

do que pesar somente através dos cânones nos revelam.

Palavras-chave: Sociologia; Saber sociológico; História da sociologia; Gênero.

Abstract: The present work aims to show the academic production of three great thinkers, Harriet Martineau (1802-1876), Flora Tristan (1803-1804) and Marianne Weber (1870-1954), erased from the history of the development of sociology as a scientific and who had considerable contributions in debating topics that are still of interest to sociologists and social scientists, such as the relationship between the researcher and the object, the female condition, neutrality of knowledge, religion, among others considered fundamental for the development of sociological knowledge. To achieve this objective, we will

use bibliographies that help us to think about the questions posed by these thoughts, and their main research themes, as well as authors that help us to critically think about the formation of sociological thought, showing that it's structuring is much broader than weigh only through the canons reveal to us.

Keywords: Sociology; Sociological knowledge; History of sociology; Genre.

Introdução

Façamos uma experiência, abra seu navegador e no mecanismo de busca digite “sociólogas importantes” ou “sociólogas fundamentais”. Ao apertar a tecla enter você será direcionado para uma página que, provavelmente aparecerá uma foto de Émile Durkheim, ao qual se atribui o

título de um dos pais fundadores da sociologia. Quando temos o feliz acaso de encontrar algo sobre as sociólogas mulheres, temos uma associação direta com o feminismo, quase como sinônimos, e nos aparecem imagens de pensadoras mais contemporâneas como Simone de Beauvoir, Ângela Davis e Judith Butler. Feito essas considerações, cabe a nós perguntarmos se a sociologia realmente surge como Auguste Comte ou Durkheim? A reflexão sobre a condição feminina foi tema “clássico” do início da sociologia ou é uma questão do feminismo recente? Quais foram as primeiras sociólogas e quais seus interesses de estudo? Não pretendemos com essas indagações deslegitimar ou desqualificar a importância que esses pensadores tais como Comte, Durkheim, Weber e Marx tiveram na consolidação da sociologia enquanto

saber científico. Mas devemos entender, assim como Weber, em seu ensaio de 1919 *Ciência como vocação*, que a ciência possui um caráter de incompletude e que partindo de saberes anteriores, novos são criados e revisitados e nesse sentido pensarmos nas relações de poder envoltos nesse processo de um campo do saber científico. Assim, pensar a história da sociologia, da sua institucionalização, bem como quem emerge enquanto pai fundador, cânone, além da sua consolidação enquanto um campo intelectual¹, de maneira crítica, é pensar nas

1 Tomamos de empréstimo a noção de campo intelectual pensado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, que define este campo que “da mesma maneira que o campo magnético, constitui um sistema de linhas de força: isto é, os agentes ou sistema de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispendo, opondo e compondo, lhe conferem uma estrutura específica num dado momento do tempo.” (BOURDIEU, 1968, p.105)

estruturas de poder que produzem e estruturam esse campo.

Nesse caso, quando entramos no campo intelectual da sociologia, já o encontramos estruturado com textos considerado fundadores ou a base da produção do conhecimento acadêmico, assim cabe também questionar a forma como os textos tido como clássicos são repassados nos mais diversos níveis da vida acadêmica, reproduzindo assim uma ideia de cânone, pois fundadores é pensar nas relações de poder e como a designação do que e quem é fundamental na construção do pensamento social intensifica uma estrutura predominantemente patriarcal, eurocêntrica e branca questões de quem pode falar, sobre o que se pode falar, remetendo as inquietações de Grada Kilomba, em suas memórias da plantação (2019) é essencial nesse processo

de reconstrução de novas formas de pensar a sociologia “clássica”, como é denominado esse período de consolidação da sociologia enquanto saber científico.

una de las maneras en que una disciplina o una profesión socializa a sus nuevos miembros es contándoles su historia como un recuento de los textos, descubrimientos pensadores e ideas reconocidos: el <<canon>> de la disciplina. La historia que los sociólogos se cuentan a sí mismos importa porque reafirma en los narradores y su audiencia su sentido de identidad. (LENGERMANN Y NIEMBRUGGE, 2019, p.20).

Pensar em quem foi omitido da “história oficial” do processo de formação do campo



sociológico, bem como pensar a importância que mulheres como Harriet Martineau (1802-1876), Flora Tristan (1803-1804) e Marianne Weber (1870-1954) na consolidação da sociologia é um caminho importante a se trilhar seja para um avanço da história da sociologia como da teoria sociológica geral. Ressaltamos que com este trabalho, não queremos uma substituição de um cânone por outro, ou provar que a sociologia tida como clássica não seja importante, mas queremos, sobretudo mostrar caminhos outros pelos quais o conhecimento sobre o social se desenvolveu bem como alguns temas, considerado por muitos como contemporâneos, já inquietam as pesquisadoras anteriormente citadas a muito tempo.

Harriet Martineau e a construção metodológica de uma socio-

logia da moral e dos costumes.

Nascida em 12 de junho na Inglaterra, Martineau teve uma vida marcada por contribuições para o desenvolvimento do pensamento social. Tendo traduzindo os volumes da filosofia positiva de Comte sendo essencial na disseminação da obra para os leitores ingleses. Paralelo a este trabalho de tradutora, produziu várias obras sobre os mais variados temas como moral, costumes, liberdade, religião e outros, mostrando assim uma enorme versatilidade de temas e muitos os quais a sociologia se dedica há bastante tempo. Uma de suas obras mais conhecidas, Como observar a moral e os costumes, considerado como o primeiro manual de sociologia que se tem conhecimento, publicado em 1838, a autora vai esboçar questões sobre método, críticas aos

relatos apressados, generalizantes e permeados de julgamentos dos autores sobre escritos realizados em campo.

Vemos nessa obra um esforço da autora de sistematizar um método para analisar a moral e os costumes de determinada sociedade e que pretende mostrar “quais requisitos o viajante deve possuir antes dele se comprometer a oferecer observações sobre morais e costumes de um povo.” (MARTINEAU, 2020, p.255). E como metodologia para análises desses temas tão delicados deve-se começar pelo estudo das pessoas sobre as coisas da qual a felicidade seria uma espécie de régua para o encontro com o divino, ou seja, “tudo o que tende a tornar os homens felizes, torna-se um cumprimento da vontade de Deus. Tudo que tende a torná-los infelizes se torna oposição a sua vontade” (Ibid, p.265). Acre-

ditando que a noção de certo ou errado não é algo consensual nas sociedades e que o pesquisador social deve entender isso, mesmo que caminhe na direção contrária dos seus ideais de nacionalidade ou filosóficos e que não cabe o julgamento da realidade analisada, mas sim entender o funcionamento pelo qual essas ideias da sociedade estudada se estruturam e se associam a uma ideia de felicidade.

Nesse livro, publicado durante os dois anos que passou pela América², temas que ainda hoje são debatidos nas mais diversas áreas do conhecimento e que continuam sendo retomados em debates contemporâneos nas ciências sociais como objetivi-

2 Durante esse período a autora também desenvolveu reflexões sobre a causa abolicionista, liberdade do povo escravizado, os direitos das mulheres e equidade social, temas sistematizados na sua obra *Society in America*, datado de 1837.

dade, o que é objeto e como se relacionar com ele, o impacto das prenoções ou julgamentos em uma determinada análise sobre uma realidade social. São algumas questões que se assemelham as colocadas por Durkheim, considerado o pai da sociologia, na construção das suas regras do método sociológico, publicado originalmente em 1895, ou seja, 57 anos antes Harriet Martineau iniciava um debate que, mais tarde seria realizado e considerado essencial para o desenvolvimento da sociologia enquanto disciplina acadêmica.

Mas as reflexões da autora não se resumem apenas em uma tentativa de sistematização de critérios para a análise do social. Uma variada gama de assuntos foram abordados durante sua trajetória intelectual, como por exemplo a economia política, do qual produziu em 1832, Illus-

tration of political economy cujo objetivo de Martineau era a acessibilidade de seu texto para os mais variados tipos de leitores do mais instruindo ao que possuía um menor grau de instrução.

Um outro tema de interesse da autora, é a religião, que também inquietou o nomeado pai da sociologia, Durkheim. Sua ideia sobre o tema aparece em seus escritos de 1848, em um livro intitulado Eastern life, fruto de sua viagem pelo oriente médio em que argumenta que a religião seria, “una construcción social, más que como una revelación divina” (LENGERMANN Y NIEMBRUGGE, 2019, p.60) a religião emerge como um campo de possibilidades a ser estudado pelo sociólogo e emerge também, na concepção da autora como um dos elementos de importância para se pensar nos princípios e na concepção que cada sociedade

elabora sobre a moral.

A formação do educador e do sociólogo não é algo que passa despercebido das reflexões de Martineau, bem como sua relevância na sociedade, tendo um papel fundamental, ou seja,

el papel del educador público – y Martineau define al sociólogo como un educador público- es ayudar en la transformación de las aspiraciones, urgiendo a la gente reflexionar sobre sus propias vidas y haciendo una llamada a la conciencia en nombre de los amenazados y desempoderados. (LENGERMANN Y NIEMBRUGGE, 2019 p.87).

Assim o cientista social, ou educador público tem uma função ativa não apenas no sentido de provocar reflexões, mas de

ajudar na transformação de uma sociedade e a educação seria um dos caminhos pelo qual se poderia ter uma mudança definitiva em uma realidade e que podemos ver claramente na forma como Martineau articula suas ideias em seus textos e em seus temas.

Tendo uma vasta produção de artigos, livros, textos de opinião, temas que foram e ainda são de importância para os estudos sobre a sociedade Harriet Martineau, mesmo com sua notada contribuição a sociologia, continua sendo pouco estudada principalmente nos cursos de sociologia e nas ciências sociais e cabe a nós questionarmos os motivos desse apagamento nos círculos de debates.

Flora Tristan e uma sociologia da mulher e da condição operária.

A vida de Flora Tristan, nascida no ano de 1803 na França, é uma daquelas histórias de vida que mereciam um filme. Seu pai, oficial peruano, envolveu-se com Anna-Pierre e sustentaram esse amor em um casamento clandestino. Teve um contato com figuras políticas importantes, como por exemplo Simon Bolívar³, que durante a infância de Flora, visitava sua casa. Devido a morte súbita de seu pai, a família passa por dificuldades e assim, Flora começa a trabalhar em um ateliê onde conhece seu marido e André-François Chazal. O casamento não saiu conforme esperado e depois de três anos eles se separam e Flora volta a morar com sua mãe e acabando seu casamento, mas não de ma-

3 Importante líder militar peruano e auxiliou nos processos de independência de países como Venezuela, Peru e Bolívia. Morreu vítima de tuberculose

neira oficial⁴.

Marcadas por estigmas de ser mulher no início do século XIX e por uma vida permeada de agressões por parte de seu marido Tristan transforma vivência em conhecimento e reflexão assim seu pensamento social constrói-se sobre o “elo explícito entre experiência e ação política, tradução dos problemas privados em questões coletivas” (DALFON e CAMPOS, 2020, p.434). Assim, transitando entre o pessoal e o científico para elaborar seus temas de interesses, Flora Tristan escreveu sobre a condição feminina, destacou a importância das mulheres na luta operária, foi fiel defensora do divórcio tanto em suas produções intelectuais como em suas opiniões políticas e como de se era de imaginar co-

4 Vale ressaltar que a questão do divórcio no território francês só passou a ser reconhecida em 1884 com a Lei Naquet.

loca questões referentes à objetividade do conhecimento.

Flora vivem em constante movimento devido a viagens que realiza desde uma viagem ao Peru na tentativa de ser reconhecida pela família do falecido pai, como para Inglaterra, onde desenvolveu seu pensamento científico de maneira mais sistemática. Destas suas inúmeras viagens resultam em livros como Passeio em Londres (1840); União operária (1843) e A necessidade de acolher bem as mulheres estrangeiras (1988). As viagens também proporcionaram à autora conhecer várias instituições como hospício, prisões, e a câmara dos comuns do parlamento britânico, cuja entrada foi proibida a Flora pelo fato da mesma ser mulher⁵.

Dentre os vários temas

⁵ Esse fator, contudo, não impediu a entrada de Flora que vestida de Homem entrou ao local.

de interesse de Flora Tristan a submissão feminina é um tema recorrente em seus trabalhos e nesse sentido, a autora

sublinhou, o alcance das consequências- gravíssimas de ser mulher- da discriminação da mulher na história da humanidade: “estou convencida de que todas as desgraças do mundo provêm desse esquecimento e desprezo que se notam, até hoje, em relação aos direitos naturais e imprescindíveis do ser mulher. (TR,p. 204 apud KONDER, 1994, p.90)

A reflexão realizada por Tristan de que a mulher é esquecida e desprezada demonstra uma capacidade de articulação entre sua experiência, a realidade da classe operária e emancipação feminina sendo essa última es-

sencial para a libertação dos proletários, tornando-se assim uma das pioneiras no debate sobre a libertação feminina.

A questão da objetividade, neutralidade é um tema pelo qual a autora propõe reflexões interessantes. Reconhecia que a cultura era um importante fator que dificultava analisar as coisas de maneira livre de prenoções,

em 1833 eu ainda estava longe de ter as ideias que depois se desenvolveram no meu espírito. Naquela época eu ainda era muito exclusiva: meu país ocupava no meu pensamento um lugar maior que o todo e o resto do mundo; era de acordo com as opiniões e os costumes da minha pátria, que eu julgava as opiniões e os costumes de outras terras. (pp, p.23 apud KONDER, 1994, p.44. Grifo nossos.)

Apesar de afirmar que seu país, em um primeiro momento limitou sua capacidade de percepção dos fenômenos isso não deslegitima sua produção intelectual, além disso, colocar esse tema da subjetividade, emoções e afins é de uma verdade intelectual impressionante, principalmente nas ciências sociais que se construiu sobre uma base de uma neutralidade científica. Tal como pensa Harriet Martineau, Flora Tristan acreditava que a literatura era essencial no processo de emancipação da classe trabalhadora e da formação política. A literatura segundo ela “deveria expressar uma mensagem política, visando à promoção de transformações na sociedade” (DALFON e CAMPOS, 2020, p. 431). Podemos ver no pensamento dessa autora uma tentativa de uma teoria associada à prática, não

apenas um interesse de uma produção acadêmica em si, restrita a determinados ciclos.

O ano de 1838, marca uma mudança no estilo de escrita da autora, que agora passa a escrever romances, Méphis. Mas o ano de 1838 ainda marcará não apenas sua aventura no gênero da narrativa ficcional. Nesse mesmo ano o ainda marido Chazal, proferiu contra Flora dois tiros à queima roupa, esse atentado não culminou em sua morte mas causaria sequelas permanentes e só depois desse ocorrido Chazal finalmente foi preso.

Mesmo tendo uma vida marcada por expressões da sociedade patriarcal francesa da época tais como os episódios de violência, seu impedimento de adentrar ao parlamento britânico, o não reconhecimento do seu divórcio, entre outros. Contudo todos esses fatos não impediram de

que Flora Tristan figurasse como uma das figuras essenciais para o pensamento social e para a luta não só das mulheres mas como da classe operária de uma forma geral e cuja potência intelectual merece reconhecimento.

Marianne Weber: muito além de biografa e esposa.

Marianne Weber muitas vezes tem sua imagem reduzida à esposa do sociólogo alemão Max Weber e escritora da história de vida de seu marido. Mas essa simples imagem mascara sua produção sociológica e demarca sua atuação apenas como esposa e biografa e esquece de seu exercício político e intelectual que possui contribuições importantes tanto para sociologia como para libertação feminina.

Tendo feita essas considerações, é notório o interesse de

Marianne pela condição feminina na sociedade assim como Harriet Martineau e Flora Tristan.

Em sua sociologia a autora

toma la experiencia de las mujeres como punto de partida para su investigación sociológica, y ve y evalúa la experiencia social a través de la subjetividad de las mujeres. Su sociología, por tanto, centrada en las mujeres, tanto en los asuntos que estudia como en el ángulo de visión que adopta. (LENGERMANN Y NIEMBRUGGE, 2019 p.354).

Destarte seu pensamento vai em uma tentativa de descrever o lugar da mulher em um mundo dominado pelo masculino inclusive nas análises sociológicas. Muitas de suas teorias entram em conflito com as produ-

ções intelectuais da época, como Georg Simmel, de Max Weber e vários outros. Uma das categorias de análise utilizadas por Marianne para desenvolver suas reflexões sobre a condição feminina alemã do início do século XIX é o casamento. O matrimônio seria para a

“mujer como una búsqueda de dos formas de realización, autonomía en los proyectos determinados por ella misma e intimidad con el marido en una relación de pareja de cariño mutuo y de intereses y satisfacciones ampliados”.(ibid, 2019, p. 343)

A mulher, em seu matrimônio, deveria ser autônoma em seus projetos, não devendo ser submissa a autoridade do marido, em outras palavras, o casamento não deveria limitar a capacidade

de atuação feminina seja profissional, intelectual. Esse ideal de liberdade almejado por Marianne fez com que ela se tornasse uma pensadora expoente do feminismo liberal alemão.

Atenta aos debates existentes na sua época, principalmente com a corrente feminista de vertente socialista Marianne incorpora ao seu pensamento a discussão sobre relações existentes entre gênero, educação ideologia e classe. Acredita que esse último fator é de extrema importância para compreensão das diferenças existentes entre as mulheres. Pensar em termos de classe e sua influência na condição feminina não faz com que a socióloga alemã pensasse em termos do fim de classe ou fim do capitalismo e não tecia críticas a esse sistema. Assim

Su posición es que el patriarcado está analíticamente separado

del capitalismo, y que cambiar las costumbres y prácticas legales del patriarcado eliminará la mayoría de los abusos de poder que las feministas socialistas vinculan al capitalismo. (ibid, 2019, p. 352).

Essa sua visão, que pode ser pensada como reacionária, não impediu de Marianne Weber ter uma atuação política ativa em prol das conquistas femininas. Foi presidente de uma organização de mulheres alemã, participou de discussões que pretendiam reformas no código e ficou conhecida como a primeira mulher a discursar em um parlamento na Alemanha.

Presenciou grandes acontecimentos do século XX como o nazismo, a 2^o guerra mundial. Mas, para além da tra-

gédia das guerras e do autoritarismo presenciou grandes avanços nas questões das mulheres como acesso das mulheres ao ensino superior, uma maior participação política e o direito ao voto. Sendo uma mulher de seu tempo Marianne Weber foi uma pessoa envolvida nos debates sobre a questão feminina de sua época, teve um papel político ativo e assim, articulou debates importantes para o pensamento social e dialogou com as principais correntes do período. Além disso, teve um papel de extrema importância para a disseminação teórica de Max Weber.

Considerações finais.

A sociologia ergue-se enquanto forma de saber científico marcado pela predominância masculina e europeia e assim a história de sua consolidação tem

como tendência enaltecer a masculinidade criativa e geradora na figura dos “pais fundadores da sociologia” resumidos a figuras como Durkheim, Marx e Weber. A análise desses autores sobre a sociedade moderna deve ser considerada, devem ser vistas, revistas e criticadas. Contudo não devemos pensar a história da sociologia como algo linear, estático e canônico, mas que devem ser pensadas em termos de relação de poder. Então ao elencar quem se torna cânone, o criador sistematizador de uma ciência implica, necessariamente, a exclusão de uma gama de pensadores e pensadoras, e pensar quem é excluído nesse processo é uma maneira de se pensar a autoridade científica.

Como nos lembra a socióloga brasileira Saffioti (1987), ao nos lembrar que o cientista social

deve igualmente pronto para rever suas posições, seja porque passou a dispor de melhor instrumento teórico, seja porque a realidade social se transformou, seja porque suas interpretações foram adequadamente questionada por outros estudiosos, Não se combate dogma com outros dogmas, não se destroem preconceitos com outros preconceitos. (p.111).

Então, nesses termos é importante pensar no papel que as mulheres desempenharam na construção do pensamento social trazendo temas latentes como a condição feminina, instituições tais como o casamento, a objetividade, a relação pesquisador(a)/objeto, o lugar da subjetividade na produção de conhecimento

enfim, temas que ainda hoje mobilizam debates na produção de conhecimento.

Empreendimentos de tradução e disseminação dos escritos dessas autoras, ainda que de maneira escassa é um importante fator no processo de democratização de conhecimento e que é um exemplo de como as pensadoras pensaram seus textos, ou seja, como uma forma de emancipação e com um papel transformador. O reconhecimento dessas personalidades femininas, excluídas da “história oficial” da sociologia nos abre possibilidades de análise crítica da própria sociedade e da história da sociologia, além de conhecermos a história do movimento das lutas femininas.

Pretendemos então, não uma análise profunda e detalhada das obras das três outras aqui enfatizadas enquanto fundadoras

de um pensamento sociológico, nem buscamos uma espécie de substituição de um cânone por outro. Contudo buscamos mostrar que a história da sociologia não é neutra, a escolha de um pai fundador ou algo assim não é um ato desinteressado, mas que existe toda uma rede de poder envolvido nesse processo.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In Pouillon, Jean et ali. Problemas do Estruturalismo. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1968.
- DAFLON, Verônica Toste & CAMPOS, Luna Ribeiro. Gênero e conhecimento: um diálogo entre o pensamento de Flora Tristan e Harriet Martineau. Revista Estudos Históricos, vol. 33, n. 70. Rio de Janeiro, maio/agosto, 2020, pp. 424-443.
- GAVIRIA, Luz Gabriela Arango; PINILLA, Giovanna Arias. En busca de las sociólogas fundadoras: Marianne Weber. Revista Colombiana de Sociología, n. 26, 2006, pp. 193-204.
- LENGERMANN Patricia M. Y NIEMBRUGGE Gillian. Fundadoras de la sociología y la teoría social 1830-1930. Madrid: centro del investigaciones sociológicas, 2019.
- MARTINEAU, Harriet. Philosophical requisites. In: MARTINEAU, Harriet. How to observe morals and manners. Traduzido por Fábio Guimarães Liberal in CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais João Pessoa, n. 24, p. 255-274, jan./jun. 2020
- SAFIOTTI, Heleieth. O poder

do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KONDER, L. Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

WEBER, Max. Ciência e política duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2015.